

O Campus Delas: Dispositivos interacionais na comunidade virtual universitária *Her Campus*¹

Alana CLARO²

Luís Mauro Sá MARTINO³

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

Resumo

Este texto delinea alguns dispositivos interacionais, tais como conceituados por Braga (2011b), presentes na revista online para jovens universitárias *Her Campus*. A partir do exame de seis artigos e duas entrevistas feitas com as correspondentes do site, foram observadas a presença de três dispositivos interacionais: (a) os de aproximação, criados nas interações iniciais com o site; (b) os de vivência comunitária das correspondentes (c) os de representatividade e subjetivação das participantes. Esses elementos são discutidos a partir da noção de comunidade virtual.

Palavras-chave: dispositivo; interação; comunidade; virtual; Her Campus.

Introdução:

O processo de vinculação associado a uma comunidade é, por excelência, um processo de comunicação (Fernback & Thompson, 1995). Vale lembrar, de saída, que as palavras “comunidade” e “comunicação” possuem a mesma etimologia, advinda do latim “communis” – o que é comum, compartilhado. Dessa maneira, o estudo das características de agregações sociais, sejam estas físicas ou virtuais, torna necessário que primeiro se considere o tipo de interação comunicacional ali estabelecida e como esta opera.

Para tanto, trabalhamos aqui com o conceito de “dispositivo”, desenvolvido por José Luiz Braga (2011) a partir de Foucault (1979), que abrange a rede estabelecida entre um conjunto heterogêneo de elementos, propondo o termo “dispositivo interacional” para a área da comunicação. Em outras palavras, “determinadas matrizes elaboradas na prática social que viabilizam episódios interacionais e são tensionadas por este” (Braga, 2012, p. 26). Logo, determinados espaços sociais de interação – comunidade virtuais ou publicações online, por exemplo - permitiriam ou barrariam certas expressões e afinidades, afetando, por tanto, a comunicação e em consequência a vivência e experiência subjetiva e coletiva dos indivíduos enquanto agentes participantes do meio.

Nesse sentido, a noção de “comunidades virtuais”, sobretudo pela perspectiva de Rheingold (1993), Fernback & Thompson (1995), Palacios (1996), Primo (1997), Smith

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Multimídia, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 3º. Ano do Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, email: claroalana@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, email:lmsmartino@gmail.com

(1999), Recuero (2002, 2006) e Braga (2011a), pode ser trabalhada aqui como uma perspectiva complementar aos dispositivos interacionais. Assim, se considerarmos as comunidades virtuais como grupos de pessoas que dividem interesses comuns, laços afetivos e sociais através da mediação via computador – e, atualmente também por “smartphones” – haveria, então, dispositivos interacionais específicos, determinados tanto pelo meio (blog, sala de bate-papo, rede social) como pelos vínculos mantidos entre os pares.

Ademais, esse elo entre os dispositivos interacionais e as comunidades virtuais também se vale da percepção de que a partir de certas afinidades subjetivas, delimitadas por um campo simbólico, pode haver uma comunicação transformadora, um acontecimento. Dessa maneira, a perspectiva de Ciro Marcondes Filho (2011) da comunicação como algo raro, que modifica seu locutor ou interlocutor, poderá igualmente trazer maior riqueza para o diálogo. Pois a participação nesses núcleos sociais depende de investimentos constantes – como tempo, produção, condições de acesso - baseados no interesse pelo tópico discutido ou pelos relacionamentos ali estabelecidos (ou mantidos), que, por conseguinte, dependerão do nível de engajamento, bem-sucedido ou não, desta interação na vida da pessoa.

O objeto de estudo, nesse caso, será o *Her Campus*, revista online criada em 2009 nos Estados Unidos, na Universidade de Harvard, por três alunas da graduação, Windsor Hanger, Stephanie Kaplan e Annie Wang, que, após vencerem a competição i3 Innovation Challenge, obtiveram financiamento para lançarem a revista online. O site foi desenvolvido com a missão de oferecer às jovens universitárias um espaço de identidade e produção colaborativa. Segundo sua definição, trata-se de “uma comunidade poderosa e engajada para universitárias de todos os lugares”⁴.

O título *Her Campus* (“O Campus Delas”, em tradução nossa) bem como sua logomarca e identidade visual propõe um recorte de gênero que fundamenta sua concepção. Sua proposta é “dar mais visibilidade e confiança a um público de mulheres”, denominadas pelo site de “collegiettes”, num mundo editorial dominado por homens. Assim, as fundadoras, Windsor, Stephanie e Annie perceberam um espaço inexplorado de revistas e sites que não davam voz às alunas do ensino superior, um público conectado com as redes sociais, cujas preocupações, rotina e consumo diferia da adolescente e da adulta no mercado de trabalho.

Dessa maneira, o *Her Campus* criou, além de sua equipe editorial que produz conteúdo diário, a possibilidade de cada universitária ter seu próprio espaço e textos publicados através de um microsite específico para cada faculdade, os *chapters*, ou núcleos. Cada núcleo é

⁴ <http://www.hercampusmedia.com/our-brand>

comandado e gerenciado por uma ou duas alunas, chamadas de “correspondentes de campus”, responsáveis por atingir uma meta semanal de postagens, prestar contas à equipe nacional, manter contas ativas em redes sociais e administrar uma equipe de colaboradoras em sua universidade.

Pensando nessas correspondentes de campus como agentes ativas tanto na produção do conteúdo como na organização de um time de universitárias colaboradoras, suas experiências estão potencialmente atreladas a uma perspectiva de “comunicação” ali estabelecida, o que torna seus relatos e entendimentos sobre o *Her Campus* substanciais para compreender os dispositivos interacionais do site.

Foram analisados seis artigos de opinião, escritos por correspondentes graduandas⁵ e duas entrevistas feitas por colaboradoras com correspondentes prestes a deixarem seu posto. Todos os textos foram publicados nos *chapters* de suas respectivas faculdades e relatam as vivências e aprendizagens das correspondentes durante sua associação com o *Her Campus*. A opção por textos de alunas norte-americanas se deve principalmente por terem sido as publicações mais recentes sobre o tema.

Quadro 01: Artigos e entrevistas analisados nesta pesquisa

Título do Artigo	Autora	Faculdade
Artigo: Como o Her Campus Mudou a minha vida	Giana Grimaldi	Boston University, EUA
Artigo: O que o Her Campus me Ensinou	Madison Eckerle	Wisconsin University, EUA
Entrevista: Rachel Epstein: FSU Editora Chefe	Tabitha Cervantes e Rachel Epstein	Florida State University
Artigo: A Jornada de Começar um Núcleo do Her Campus	Shaela Nelson	Minnesota State University
Artigo: Adeus da Correspondente de Campus Fundadora	Lara von Linsowe-Wilson	Oregon State University
Artigo: Her Campus mudou a minha vida: O último adeus de Alexandra	Alexandra Blessing	Millersville University
Entrevista: Joelle Bellini Entrevista a Correspondente Jessica Norton	Joelle Bellini e Jessica Norton	Marymount Manhattan University, EUA
Artigo: Her Campus Salvou Minha Vida	Kellie Anderson	Western Ontario University, Canada

Fonte: Elaborado pela autora

⁵ As correspondentes, quando formadas na faculdade, necessitam se desassociar do Her Campus e nomear uma sucessora.

Este texto se desdobra em três partes, cada uma dedicada a um dispositivo interacional observado na análise dos artigos. A primeira trata-se do que poderia ser denominado uma aproximação inicial, seguida da decisão de participar do site/comunidade, seja fundando um *chapter* ou assumindo a posição de correspondente. A segunda se refere à potencialidade do *Her Campus*, em especial dos núcleos, entendidos como comunidades virtuais, na produção de laços de afeto e amizade. Finalmente, um terceiro dispositivo se refere à constituição de uma subjetividade e significação de cada correspondente como indivíduo participante e passível de mudanças.

Um Campus para Elas: os dispositivos de aproximação

A noção de “dispositivo” vem ganhando visibilidade nas Ciências Humanas ao longo das últimas décadas. Não será feita aqui uma história do conceito, mas é importante destacar algumas de suas elaborações. Dispositivo, segundo Michel Foucault (1979), em uma definição posteriormente desenvolvida por Gilles Deleuze (1990) e Giorgio Agamben (2010), é um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações, decisões regulamentares, inscritos em relações de poder e que apresentam uma função estratégica concreta.

Trata-se de uma rede estabelecida de elementos linguísticos e não-linguísticos (Agamben, 2010). Desse modo, o aspecto essencial do dispositivo seria exatamente sua interação potencial e existencial, o que Foucault (1979, p. 245) marcará como “relação de ressonância ou contradição com os outros... e por outro lado, processo perpétuo de preenchimento estratégico”. Em outras palavras, a capacidade de rearticulação dentro da rede de elementos, o que poderá servir tanto para uma dispersão como para melhor ocupação. Para Foucault, o dispositivo responde a uma urgência e por tanto, desenvolve uma função estratégica, podendo manipular relações de força.

Enquanto Foucault ressalta o aspecto relacional do dispositivo (Signates, 2015), Deleuze, por sua vez, trabalha com o dispositivo a partir de sua estrutura rizomática, propondo que os dispositivos são máquinas de fazer ver e fazer falar. Desse modo, ele desenvolve que há curvas de visibilidade, que tornam visível ou invisível seus elementos, e também curvas de enunciação, distribuindo os elementos em posições diferenciadas. Além disso, haveriam também linhas de força, onipresentes em todos os pontos do dispositivo e por onde a dimensão do poder se revela. Por fim, as linhas de subjetivação marcam a dimensão em que o indivíduo está perpassado e inteirado ao dispositivo.

A partir dessa noção, pode-se notar a permeabilidade dos dispositivos na vida humana e como implicam nos chamados “processo de subjetivação”, determinando e influenciando o contexto de amadurecimento de uma pessoa ou uma coletividade. Ademais, como um sujeito pode participar ativa ou inativamente de um dispositivo e ser atravessado e inserido em tantas outras redes, tornando-se lugar de múltiplos processos de subjetivação.

Sobre isso, Deleuze (1990) pontua ”pertencemos a dispositivos e neles agimos. É necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos e aquilo que somos em devir: a parte da história, parte do atual”.

No entanto, o que torna o conceito de dispositivo tão interessante sob um viés comunicacional é para Signates (2015) o entendimento “de que se trata daquilo que forma redes de relacionamentos entre diferentes dimensões da realidade” (p.149). Precisamente, padrões comunicacionais que se desenvolvem em meios – processos ou sistemas – nos quais as pessoas operaram suas investidas de comunicar. E, por isto, uma noção explicativa sobre a experiência vivenciada pela internet, permitindo a este conceito uma modalidade metodológica para além do teórico-conceitual.

Seguindo essa linha, José Luiz Braga (2011) propõe que os fenômenos comunicacionais se realizam em episódios de interação entre pessoas e grupos, de forma interpessoal ou mediatizada. Desse modo, considerando que há uma variedade de circunstâncias, processos, participantes e encaminhamentos nessas interações, há, portanto, modulações e conexões. Há uma rede. Ou como Braga denominou, um dispositivo interacional.

Para o autor (BRAGA, 2011b, p.11), a importância de aferir na comunicação aspectos dispositivos está em:

“Permite incluir as mediações que o usuário traz para a interação; as expectativas sobre o usuário no momento de criação dos produtos levando à ‘construção do leitor’, aos modos de endereçamento, às promessas e contratos; permite incluir os processos em geral que cercam a circulação mediática; e aí também os contextos significativos de produção, de apropriação e de resposta social. ”

Valendo-se, então, dos dispositivos interacionais como caracterizados por elementos heterogêneos, sistemas de relações em que estes articulam, através de tentativas processuais e a capacidade de acionar ou tensionar situações, o que se pode apreender é suas muitas variantes. Desde determinadas etiquetas sociais de comportamento em público a até sites pessoais na internet. Braga (2011a), por exemplo, comenta que em determinados blogs, um elemento que garante reconhecimento e pertencimento pelos membros e é respondido com hospitalidade é elogio, uma gentileza ou um não-elogio, um pedido de informação, dica ou comentário mais neutro.

De conformidade com José Luiz Braga, é possível interpretar o *Her Campus* enquanto um dispositivo interacional – em primeiro lugar, por conta de seu caráter heterogêneo. No mídia kit do site, um arquivo em pdf criado para definir e preservar os atributos substanciais da marca – como paleta de cor, logo, fontes -, o *Her Campus* é definido como:

“Uma poderosa comunidade, empoderando mulheres universitárias em toda parte. Com conteúdo nacional e local produzido pelas melhores estudantes de jornalismo do mundo, como uma rede de correspondentes em campus de faculdades, um extenso calendário de eventos off-line e uma presença multi-plataforma, o *Her Campus* é uma voz e autoridade coesa e mulheres de faculdade – um guia para a vida da *collegiette*”.

As expressões “comunidade”, “rede de correspondentes”, “calendário de eventos off-line”, “presença multiplataforma”, “voz”, “autoridade” e “guia” se confundem nessa definição e também se complementam. Este é o posicionamento oficial do site enquanto marca e, pode-se afirmar o fornecimento de elementos que corroboram a heterogeneidade do projeto e, de certa forma, seu caráter de dispositivo.

A descrição do site, mais os artigos de algumas correspondentes, parece reforçar esse aspecto. Kellie Anderson, estudante da Western Ontario University, descreve, em “Como o *Her Campus* salvou a minha vida”, que se trata de um “porto-seguro: de amizade, lealdade e abertura para novas ideias”.

A aluna da Minnessota State University, Shaela Nelson, em “A Jornada de Fundar um Núcleo do *Her Campus*” comenta que o *Her Campus* era apenas uma simples revista online divertida para a qual podia escrever até que a Reitora da Faculdade de Negócios, Brenda Flannery lhe mostrou estatísticas referentes à presença das mulheres no universo corporativo e a relevância de uma organização como esse num ambiente predominantemente dominado por homens.

Em adição, o sistema de relações que estes elementos articulam são evidenciados pela atuação das participantes. As correspondentes respondem a uma equipe nacional, tanto administrativa como editorial, as colaboradoras respondem às correspondentes. Essa padronização pode resultar numa perspectiva hierárquica, mas também pode dar abertura a uma maior horizontalidade entre as colaboradoras de cada núcleo. A rigor, elas estão no mesmo espaço físico, mesmo campus universitário e terão contato, seja pela publicação de textos em uma mesma interface ou por reuniões eventuais. Giana Grimaldi, correspondente na Boston University, escreve em “Como o *Her Campus* Mudou a Minha Vida” que “através das reuniões e eventos, fui conhecendo as garotas de maneira mais pessoal e formei alguns laços incríveis com elas...eu trabalhava com elas todos os dias, seria difícil não fazer amizade”.

Braga (2010, p. 66) menciona, nesse sentido, as tentativas processuais, ou seja, “a existência de uma margem de ensaio-e-erro que torna os resultados probabilísticos” e a possibilidade de haver um grau de imprecisão. No caso do *Her Campus*, devido ao número de núcleos – 308⁶ em oito países – a probabilidade de erro nas publicações e na definição dos papéis dentro da organização podem ficar turvas, como se pode inferir do texto “O que o Her Campus me Ensinou” de Madison Eckle, da Universidade de Wisconsin: “No meu segundo ano da faculdade, virei correspondente. Depois de um semestre insano tentando entender o que isso significava e mudando outras participantes da equipe, eu encontrei meu nicho e comecei a trabalhar para construir uma equipe unida”.

O posicionamento de José Luiz Braga (2011b) diante dos dispositivos interacionais dialoga e é complementado por Ciro Marcondes Filho (2011). Para o autor, a comunicação não se trata de tentativas ou de esquemas de relação, mas sim de uma transformação. Algo que acontece: “a comunicação é um fenômeno que corre raramente porque nossa vida social é muito mais marcada pelos processos de sinalização e de informação” (Filho, 2011).

Marcondes Filho (2011) percebe a comunicação como uma transformação qualitativa radical, na qual cada indivíduo precisa acolher, liberar e se abrir ao que é dito ou àquele que o diz. Dessa maneira, a comunicação enquanto acontecimento seria o correspondente à um dispositivo interacional equilibrado, capaz de produzir resultados.

Vera França (2016), por sua vez, estuda o acontecimento, seja comunicacional ou físico, através de sua influência no cotidiano coletivo e na sensibilidade dos sujeitos, além de sua alta potencialidade simbólica, por permitir a construção de narrativas. Acerca disso, ela detecta (p.5):

“Essa dimensão da experiência nos parece instigante, pois nos possibilita identificar nos acontecimentos os elementos que constituem nossas interações como seres humanos e nossa com o mundo da vida cotidiana, entrecortados pelo inesperado, pelo episódio, pelo emergente que irrompe, desorganiza e (re)organiza o social.”

Pensando na comunicação como um dispositivo interacional, capaz de promover seu sucesso ou desalinhar seus resultados, sendo pleno diante de uma transformação em seus agentes, o *Her Campus* parece estabelecer essa ponte nas interações com as alunas que se tornam suas correspondentes. Há nos relatos de muitas das garotas, um elemento da surpresa, daquilo que desestabiliza e encanta, determinante para sua participação – o que “comunica”, na perspectiva de Marcondes Filho (2011).

⁶ Núcleos em 03/07/2016.

O texto de Shaela Nelson parece ser particularmente ilustrativo disso. A narrativa da autora destaca que estava “procrastinando proativamente” e viu um artigo escrito por uma antiga colega em um site chamado *Her Campus* e depois de horas explorando aquele ambiente digital de “aparência glamorosa”, decidiu que “PRECISAVA” trazê-lo para sua faculdade. Assim, estamos diante de um episódio comunicacional no qual a mensagem ali inscrita fora apreendida com sucesso. Houve uma mudança a ponto de a estudante decidir que necessitava daquilo em seu dia a dia. De certa forma, o contexto de Shaela, o estar aberta a não estudar e se entregar à distrações online, foi decisivo.

Muito semelhantemente a Shaela, Kellie Anderson estava num contexto que permitia esse acontecimento, essa comunicação. Ela estava se recuperando de uma crise de depressão e ansiedade e se deparou com uma publicação no Facebook sobre uma revista online em sua faculdade, feita por uma garota chamada Alexie. “Eu não sabia quem ela era, mas seu post me intrigou. Ela tinha escrito que era correspondente de campus para o *Her Campus* da Western... uma revista online. Sendo uma estudante de comunicação, eu pensei que esse seria uma boa maneira de me envolver mais com a faculdade e minha carreira”.

No caso de Kellie, seu primeiro artigo, escrito em meio a apreensão de compartilhar com terceiros seus pensamentos mais íntimos, fora um relato pessoal sobre a depressão. Entretanto, para ela, o mais transformador foi o processo da escrita. “Quando eu terminei aquilo que chamei de vômito de palavras, eu me senti alta, como se tivesse tomado Xanax ou algo. Estava tão calma”.

A experiência de Kellie pode ser identificada com o que França (2016) indica como a potencialidade do acontecimento que reside na fresta da renovação do pensamento, a promessa da continuidade da vida.

Todavia, pode-se notar que a capacidade de metamorfose do acontecimento comunicacional está em como eles tocam as experiências de cada sujeito em sua singularidade. França (2016) dialoga que a apreensão do processo é decisiva para indivíduo, pois o releva sua dinâmica própria e também a natureza social em questão.

Sob essas circunstâncias, Lara Wilson, da Oregon State University, em “Adeus da sua Correspondente de Campus Fundadora” conta que possuía amigos na Universidade do Oregon que escreviam para o *Her Campus* e esperava que em breve alguém criasse um núcleo em sua faculdade. “Eu esperei e esperei, provavelmente tempo demais. E então, entre o verão do meu segundo e terceiro ano, eu pensei ‘Porque eu não começo sozinha’. Eu sabia que havia mais pessoas no campus se coçando para participar”. Para Lara, tratava-se de uma questão

peçoal, tomar frente e fazer sozinha, diante de um contexto pouco favorável. Ou seja, apreender sua própria dinâmica e as interações com o social.

O Campus com Elas: Dispositivos comunitários

Entre os dispositivos interacionais notados a partir do *Her Campus* enquanto site e também a partir dos relatos das correspondentes de campus está a sua capacidade de estabelecer comunidades entre suas colaboradoras, vínculos afetivos representados no espaço virtual do núcleo e também no espaço físico, em seu campus universitário. Para tanto, é necessário considerar que as interações mantidas pelas estudantes são, sobretudo, relações mediados, afinal o computador é sua mediação básica.

José Luiz Braga pontua que a mediação permite construir a realidade social através de processos interacionais pelos quais os indivíduos/grupos se relacionam (2006). Desse modo, os processos tecnológicos, os softwares e a inserção do computador como mediador, abrem possibilidade, tanto para articular as pessoas como para relacionar subuniversos, organizando um tecido social. Assim, as estratégias da apropriação daquilo que os softwares possibilitam serão os dispositivos (Signates, 2015).

A partir da perspectiva do *Her Campus* como um site que possibilita a criação de microsites, os núcleos, e que cada um desses núcleos tem um conjunto ativo de participantes, o que pode-se apreender é a formação potencial de uma comunidade. Além de que devido ao caráter online do projeto e os primeiros contatos feitos pelas correspondentes terem sido por meio do computador, trata-se de uma comunidade virtual. Logo, a apropriação do software (nesse caso, o site) e sua transformação numa rede coerente de estudantes colaboradoras e ativas, publicando artigos, participando e interagindo entre si, capta a possibilidade de o dispositivo interacional ser, então, uma comunidade virtual.

Pioneiro no estudo sobre relacionamentos virtuais e com base em uma conferência online denominada *The Well*, Howard Rheingold (1993, p.5) via as comunidades virtuais como:

“Agregações sociais que emergem da net com pessoas suficientes para carregar essas discussões públicas por curto tempo, com sentimento, nas formas de redes de relacionamentos pessoais no ciberespaço”.

Outros dois pesquisadores foram Jan Fernback e Brad Thompson (1995), cuja descrição de comunidades virtuais predizia “Relações sociais forjadas no ciberespaço através de repetidos contatos com fronteiras ou lugares específicos que simbolicamente definem um tópico de interesse”. Os autores pontuam que as comunidades reforçariam relações entre indivíduos que pensavam semelhantemente. A correspondente de campus da Marymount

Manhattan University, Jessica Norton, confirma um pouco esse alinhamento em sua entrevista: “Ser uma correspondente me permitiu conhecer tantas pessoas com mentes parecidas com a minha”.

No entanto, Palácios (1996) sugere que há uma inversão na formação de laços de afinidade. Para ele, enquanto na vida real, encontramos as pessoas fisicamente e conforme as conhecemos, identificamos interesses comuns; na vida virtual, interagimos a partir de um interesse comum, depois conhecemos a pessoa e só então, nos encontramos fisicamente.

Primo (1997) adiciona que é comum haverem encontros reais entre os participantes de uma comunidade virtual, sobretudo quando as pessoas são moradoras de uma mesma cidade – nos núcleos do *Her Campus* por exemplo, as estudantes moram no mesmo campus universitário. Giana Grimaldi, da Boston University, comentou sobre essa interação no ambiente real: “Nada me deixa mais feliz do que ver as meninas se dando bem e encorajando umas às outras, seja em eventos para nos conhecermos melhor, ou se encontrando fora”.

Acrescendo ao debate, Raquel Recuero pontua que os elementos formadores de comunidades virtuais são: as discussões públicas, as pessoas que se encontram e reencontram, o tempo e o sentimento de pertencimento. Recuero (2006) divide as comunidades também em três tipos. A primeira seria a “comunidade virtual emergente”, constituída descentralizadamente e estabelecida por meio das interações, por exemplo comentários em posts. A segunda seria a “comunidade virtual de associação”, baseada numa interação reativa e centralizada, criada por alguém e com alguma finalidade. E por fim, as comunidades virtuais híbridas, dotadas de ambas características anteriores.

A partir dessa noção, pode-se entender o *Her Campus*, em certa medida, como uma “comunidade virtual de associação”, devido à sua fundação e desenvolvimento para atender a um propósito, a partir de uma cadeira hierárquica estabelecida. Todavia, o que interessa perceber, segundo Recuero (2002), é que as comunidades demandam um “ponto de encontro”, mesmo que seja virtual. E no caso de cada núcleo, há um ponto online, o microsite, e físico, o campus da universidade. Portanto, “a internet nada mais faz do que ampliar a capacidade do homem de comunicar-se com seus semelhantes” (Recuero, 2002, p. 35).

Trabalhando a questão dos fãs e sua colaboração com as “e-zine” (revistas online), Smith (1999) adiciona que o potencial das comunidades virtuais está em incorporar a audiência dentro do ato e da criação, em vez de delimitar o tamanho da comunidade. Para tanto, o *Her Campus* corresponde a isso permitindo um espaço de publicação nos núcleos das faculdades e também uma troca entre as colaboradoras.

Kellie Anderson, referindo-se ao primeiro texto que escreveu e publicou no site, com diversos compartilhamentos, afirma que “o artigo começou uma conversa não só comigo, meus amigos e meus parentes, mas com a extensa comunidade do Her Campus ao redor do mundo”. Assim, os benefícios de convidar essa participação não estão somente na comunidade que existe, mas nos efeitos que essa comunidade tem em seus produtores (Smith, 1999).

Essas considerações a respeito de um senso de comunidade presente nos núcleos e suas repercussões no ambiente social estava na cabeça de Jessica Norton quando fundou o microsite de sua faculdade. Ela contou que os estudantes de sua universidade, a Marymount, eram tão focados em suas carreiras a ponto de haver pouco senso de comunidade no campus.

Em contraponto, Shaela Nelson teve uma experiência diferente. O *Her Campus* começou como algo divertido que ela e esses amigos podiam fazer juntos e rapidamente se tornou algo muito maior. “No começo do ano, tínhamos 20 colaboradoras... isso provou que havia uma necessidade no campus e faríamos o possível para preencher esse vazio”. Pode-se notar, então, que a presença desse espaço virtual, que conseqüentemente se tornará físico, devido à localização geográfica, traz às pessoas um sentimento de pertencimento.

Rheingold (1993) recorda que uma das características marcantes da comunicação mediada por computadores é a maneira como os seres humanos alteram suas percepções, pensamentos e personalidades pela forma como usam os meios e como estes os usa. Rheingold exemplifica isso com o uso de novas palavras ou siglas durante a digitação. Em linhas gerais, trata-se, entre outros elementos, da criação de um vocabulário próprio ao meio.

Esse fator é percebido no texto de Madison Eckle, no qual ela ilustra sua vivência como correspondente através de gifs retirados de séries de televisão, reality shows e filmes populares, somado a rápidas frases ilustrativas como “elas (as participantes) riem das minhas péssimas piadas” ou “Estudos em grupo. J2, alguém?”. Logo, pode-se observar um nível de entrosamento entre a correspondente e as colaboradoras, de forma que algumas das piadas internas – ou ao menos é o que aparenta o leitor leigo – são códigos singulares daquela comunidade. Há ali, portanto, um dispositivo interacional específico.

Braga (2011a) explica que a interação num site só existe na medida em que os participantes estão presentes por escrito. Para a autora, há dois tipos de legitimação de um blog; a primeira pelo público, através dos números de visitantes e comentários postados e a segunda, entre os pares, que remete às citações entre membros envolvidos na comunidade ou outros blogs.

Diante desse panorama de legitimação, Alexandra Blessing, da Millersville University, contou em seu texto “O Her Campus Mudou a minha vida: o último adeus de Alexandra” as dificuldades encaradas na tentativa de tornar o Her Campus uma organização estudantil. Em sua visão, estruturar o Her Campus como comunidade seria válido quando fosse creditado como uma organização oficial. “Eu sou queria que fosse uma organização permanente para que aspirantes a escritores como eu tivessem um lugar para criar e publicar seu trabalho – com as vantagens de poder fazer propaganda no campus e reservar salas para reuniões” relatou.

Numa linha diferente, Giana Grimaldi concebe que o sucesso do núcleo do *Her Campus* estava em “promover um ambiente seguro em que as garotas se sentissem confortáveis e pudessem se expressar”. Além disso, ela diz que a liberdade criativa do núcleo talvez tenha sido o porquê “tantas garotas amem fazer parte dessa comunidade o tanto quanto eu”.

Cazeloto (2009, p.5) aborda essa significação e sentimento de pertença na comunidade virtual porque:

“Se constrói não apenas a partir de contatos imediatos concretos, presentes, mas abre-se potencialmente a todo um conjunto de outros indivíduos que, imagina-se, compartilhem um repertório de valores e representações do mundo”.

Nessa mesma linha, Braga (2011b) confirma que o fato das pessoas se sentirem associadas provoca uma satisfação entre os membros. A formação daquela sociedade como tal é, em si, um valor.

Talvez o que melhor expresse isso seja a conclusão de Shaela Nelson sobre sua interação com a equipe de colaboradores “Há algo de surpreendente sobre estar cercado por um grupo de pessoas que são apaixonadas pelas mesmas coisas que você e assistir coisas maravilhosas tomarem forma a partir dessa energia”.

O Campus por Elas: Dispositivo de subjetividade

Um último tipo de dispositivo interacional localizado nos artigos refere-se as suas ações e repercussões no próprio sujeito. Para Braga (2011b), é na sedimentação do que vai sendo tentado, testado e selecionado nas interações sucessivas de um dispositivo, que ele mesmo se transforma, assim como seus componentes.

Desse modo, quando Rachel Epstein comenta em entrevista para a colaboradora Tabitha Cervantes que “O Her Campus me ajudou a melhorar não apenas como escritora e editora, mas também como pessoa... me transformou na pessoa que sou hoje e me introduziu alguns de meus melhores amigos”, ela trabalha sua construção e subjetividade diante da experiência ali vivenciada.

Agamben (2010) completa que o sujeito é resultado da relação, do corpo a corpo, entre os viventes e os dispositivos. Essa asserção pode ser ilustrada por Jessica Norton, que comenta ter aprendido, por meio do *Her Campus* “a ter a cabeça mais aberta, ser mais organizada e eficiente no mundo digital” ou Alexandra Blessing dizendo que nunca tinha sido uma líder e sim uma seguidora tímida, mas que ter tido a coragem de continuar como correspondente foi “a experiência mais benéfica, transformadora e incrível”.

Para Kellie Anderson, o *Her Campus* foi e ainda é parte de sua recuperação, uma ferramenta de enfrentamento para quando precisa ser honesta e escrever. Enquanto Shaela Nelson acha que sua parte preferida é poder ouvir as ideias dos outros. Segundo ela, ao analisar todas as ideias apresentadas, seu núcleo ganhou força, pois promovia a conversa e o trabalho em equipe, em vez de reforçar políticas de publicação.

Assim, os dispositivos interacionais se apresentam não como um ponto único, delimitado em termos de algo que começa e termina, mas como um processo contínuo e cujas alterações não são notadas com tanta facilidade. Braga (2012, p.29) reflete sobre este tópico, examinando que neste tipo de dispositivo interacional “vamos nos impregnando de pequenas transformações imperceptíveis, até o momento em que, tomando algum distanciamento, podemos constatar que algo mudou”.

A comunicação e a interação com o *Her Campus* deixou de ser apreendida como coisa e passou a ser vista como um processo, decorrente do encontro com indivíduos, discursos e imaginários diferentes (Yamamoto, 2013). Giana Grimaldi colocou muito bem essas pequenas transformações imperceptíveis à primeira vista, mas que vão se acumulando durante o processo interacional: “Eu espero ter tocado pelo menos cada uma de suas vidas da mesma maneira como elas tocaram a minha. Eu me sinto tão encorajada e empoderada por essas garotas com quem tive o prazer de conhecer e trabalhar”.

Considerações Finais

Na análise do *Her Campus*, a partir do conceito de dispositivo interacional de José Luiz Braga, pode-se perceber a possibilidade da aplicação metodológica e prática de noções antes mais teóricas, como descritas por Foucault, Deleuze e Agamben, a questões contemporâneas do mundo informatizado. Além disso, os dispositivos interacionais de Braga permitem um aprofundamento mais holístico acerca do objeto de estudo, no caso do site em si e dos textos das correspondentes de campus, proporcionando uma melhor elucidação a experiência das personagens ali entrelaçadas e como cada dispositivo – o introdutório, o comunitário e o subjetivo – podem se confundir, se perpassarem e se integrarem.

Ademais, partindo de uma perspectiva mais pessoal, afinal também sou correspondente de campus do *Her Campus*, pela Faculdade Cásper Líbero, é interessante e um tanto desafiador, analisar a vivência e reflexões de minhas colegas no site com um maior afastamento e através de uma elaboração acadêmica. Afinal, no dia-a-dia da publicação e das interações com as colaboradoras e a equipe nacional essa delimitação de três dispositivos diferentes, mas complementares, é quase indissociável.

Contudo, creio ser interessante também, em trabalhos posteriores, analisar as reflexões de colaboradoras do site, cuja responsabilidade e participação é muito diferente e mais suave do que da correspondente que organiza e administra um núcleo. Ou mesmo de membros da equipe nacional, que coordenam o site por completo e cada um dos núcleos, por sua possibilidade de conversa e troca com correspondentes de diversas nacionalidades e também com colaboradores comerciais do *Her Campus*.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo. In: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2010. p. 34-50.

BRAGA, Adriana. Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. *Desigualdade & Diversidade: Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 9, p.95-104, dez. 2011a. Semestral.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. In: XX Compós, Porto Alegre, GT Epistemologias da Comunicação, 2011b.

__ Interação como contexto da Comunicação. *Matrizes*, v.6, p. 25-41, 2012

__ Mediação como processo interacional de referência. *Animus: Revista interamericana de comunicação midiática*, Santa Maria, p.9-35, dez. 2006. Semestral.

__. Nem rara, nem ausente - tentativa. *Matrizes*, v. 4, p. 65-81, 2010.

CAZELOTO, Edilson. A virtualização das comunidades: apontamentos para uma crítica dos vínculos sociais no capitalismo contemporâneo. Simpósio Nacional Abciber, São Paulo, v. 1, n. 3, p.1-11, 16 nov. 2009.

DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento Disponível em: <<http://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>>

FERNBACK, Jan; THOMPSON, Brad. Virtual Communities: Abort, Retry, Failure. Disponível em <http://www.well.com/~hjr/texts/VCCivil.html>

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade, 1979. In: FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2001. p. 244-247.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; LOPES, Suzana Cunha. ANÁLISE DO ACONTECIMENTO: possibilidades metodológicas. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25., 2015, Goiânia.

Metodologia_acontecimento_final_comautoria. Goiânia: Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2016. p. 1 - 17.

MARCONDES FILHO, Ciro. Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política. Uma discussão com José Luís Braga. Matrizes, São Paulo, v. 5, n. 1, p.169-178, dez. 2011.

PALACIOS, Marcos Silva. Cotidiano e Sociabilidade No Cyberespaço: Apontamentos Para Uma Discussão. In: FAUSTO NETO, Antonio; PINTO, Milton José. (Org.). O INDIVIDUO E AS MÍDIAS. RIO DE JANEIRO, 1996, p. 87-104.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. A emergência das comunidades virtuais. In: Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. Anais... Santos, 1997. Disponível em:<http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf>.

RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades virtuais no IRC: O Caso do #Pelotas: Um estudo sobre comunicação mediada por computador e estruturação de comunidades virtuais. 2002. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____. Comunidades em Redes Sociais na Internet: Proposta de Tipologia baseada no Fotolog.com. 2006. 334 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

RHEINGOLD, Howard. The virtual community: homesteading on the electronic frontier. 1993 Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2000. 447 p.

SIGNATES, Luiz. Da exogenia aos dispositivos: roteiro para uma teorização autônoma da comunicação. Líbero, São Paulo, v. 18, n. 36, p.143-152, dez. 2015. Semestral.

SMITH, Matthew J.. Strands in the Web: Community-Building Strategies in Online Fanzines. The Journal Of Popular Culture, East Lansing, v. 33, n. 2, p.87-99, jul. 1990. Semestral.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. Desentranhar o comunicacional: a Comunicação segundo José Luiz Braga. Questões Transversais: Revista de Epistemologias da Comunicação, São Leopoldo, v. 1, n. 2, p.100-106, dez. 2013. Semestral.